

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

CAMARGO, Joel. *Joel Camargo (depoimento, 2012)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2012. 32p.

JOEL CAMARGO
(depoimento, 2012)

Rio de Janeiro

2013

Transcrição

Nome do entrevistado: Joel Camargo

Local da entrevista: Memorial do Santos Futebol Clube - Santos, SP

Data da entrevista: 29 de junho 2012

Nome do projeto: Futebol, Memória e Patrimônio: Projeto de constituição de um acervo de entrevistas em História Oral.

Entrevistadores: Bernardo Buarque (CPDOC/FGV) e José Paulo Florenzano (Museu do Futebol)

Câmera: Thiago Monteiro

Transcrição: Liris Ramos de Souza

Data da transcrição: 27 de julho de 2012

Conferência da transcrição : Máira Poletto Mielli

Data da conferência: 13 de novembro de 2012

** O texto abaixo reproduz na íntegra a entrevista concedida por Joel Camargo em 29/06/2012. As partes destacadas em vermelho correspondem aos trechos excluídos da edição disponibilizada no portal CPDOC. A consulta à gravação integral da entrevista pode ser feita na sala de consulta do CPDOC.

Bernardo Holanda - Boa tarde. Santos, Memorial do Santos Futebol Clube, dia 29 de junho de 2012, gravação do depoimento do ex-jogador Joel Camargo do Santos e da seleção brasileira para o Projeto Futebol Patrimônio e Memória¹, que é uma parceria entre o Museu de Futebol e a Fundação Getúlio Vargas. Participam dessa entrevista Bernardo Buarque e José Paulo Florenzano. Joel, boa tarde, muito obrigado por ter aceito o convite de estar aqui conosco e contar a sua experiência, sua trajetória no futebol. Joel, você nasceu aqui na cidade de Santos?

Joel Camargo - Nasci em 18.09.1944.

B.H. Aqui mesmo em Santos.

¹ O entrevistador está se referindo ao Projeto Futebol, Memória e Patrimônio.

Transcrição

B.H. - Seus pais eram já daqui?

J.C. - Não, meus pais vieram do interior e ficaram radicados a Santos.

B.H. - De que cidade eles eram?

J.C. - Não me lembro bem. Minha mãe é mais de Santos, meu pai que veio mais do interior. Agora, sinceramente, não me lembro porque faz muito tempo isso.

B.H. - O que eles faziam, qual era a atividade de trabalho?

J.C. - Minha mãe era dona de casa, tratou de mim e de meus irmãos, são quatro homens. E meu pai mexia com negócio de café, armazém de café.

B.H. – Café...

B.H. - Como foi sua iniciação, seu interesse pelo futebol, como começou isso? Como era visto o jogador de futebol naquela época?

J.C. - Eu comecei jogando bola na rua, porque eu morava na rua, na Antônio Bento de Amorim, no bairro do Marapé, e a rua não tinha calçada como tem hoje em dia, então eu joguei muito pelada ali, eu e meus irmãos, e calhou de eu ser jogador de futebol. Porque todo mundo dizia que eu tinha um irmão que era muito melhor do que eu jogando bola. Mas isso é coisa muito difícil. Só que eu fui subindo, garoto jogando bola de pelada de rua, saí da rua fui para Portuguesa Santista, da Portuguesa Santista tive uma ascensão rápida ali, comecei na Portuguesa Santista nos anos de 58 para 59, o primeiro campeonato mundial do Brasil; comecei jogando no infantil com 12 para 13 anos, com 13 anos já fui campeão infantil, com 15 anos era um garoto muito alto, joguei no time de cima da Portuguesa Santista e fiquei três anos na Portuguesa Santista, era um time praticamente aqui na Vila, na época tinha Portuguesa Santista, Jabaquara e Santos. Com 18 anos eu estava na Portuguesa Santista, o falecido Lula treinador do Santos mandou me comprar, eu fiquei aqui no Santos de 1963 a 1972 para 73, fiquei quase dez anos aqui.

B.H. - Essa passagem do futebol de rua para a Portuguesa Santista, como foi? Alguém que te viu jogando, você que se apresentou para jogar?

Transcrição

J.C. - Alguém me viu jogando e não queria que eu fosse para a Portuguesa, queria que eu fosse para o Santos. Mas como eu tinha um amigo que eu joguei muita bola com ele, ele falou: “ó Joel, acho que é melhor você ir lá na Portuguesa, na Portuguesa a coisa pode ser mais fácil.” No Santos era difícil um garoto que vem da divisão de baixo subir, muitos subiram, como subiu agora, atualmente, nós estamos em 1912², antes subiu o Robinho, teve o Pelé, vi o Juari também aqui em 78, depois veio o Robinho e veio agora o Nilmar³, do mesmo lugar. E naquela época não existi muito isso. E eu dei sorte de sair da Portuguesa Santista e o Santos na época me comprar. Foi uma coisa meio de cisme e tal, mas meu amigo acertou na mosca.

B.H. - Seu pai já gostava de futebol?

J.C. - Ah, sim, meu pai gostava de futebol, mas quando houve esse problema todo a minha mãe não queria que eu fosse jogador de bola, queria que eu estudasse, como estudei, cheguei naquela época no científico e aprendesse uma profissão e não fosse jogador de bola, porque naquela época o jogador de bola era tido meio como uma pessoa meio desempregada. Hoje em dia mudou muito. Mas também quantos anos faz isso? Dos anos 50, 60. Hoje em dia não, hoje em dia todo mundo, o pai, a mãe, o vizinho, todo mundo quer que seja jogador de futebol porque é um negócio rentável. Porque esse negócio de ser jogar futebol, a maioria quer, mas não é para todo mundo. Futebol tem uma série de coisas. Essa é a minha opinião, a pessoa tem que estar certa, na hora certa, lugar certo, tem que ter muita sorte. Eu conheci muitas pessoas que jogou muita bola, jogou bem, mas não vieram para o futebol, não tiveram sorte. E outras que não jogavam tão bem, tiveram bastante sorte e foram felizes no futebol.

B.H. - Joel, você como menino você tinha algum clube do coração que você torcia?

J.C. - Não é que eu torcia, porque eu era um garoto, sou aqui de Santos, eu morava no Marapé, por exemplo, você atravessa o canal você está no Marapé, você atravessa para o lado de cá, você já estava na Vila Belmiro. Então como eu e meus

² Está se referindo ao ano de 2012.

³ Está se referindo ao jogador Neymar da Silva Santos Jr.

Transcrição

irmãos, meu pai, esse pessoal todo, sempre torcemos para o Santos. Quer dizer, nós tínhamos que ver o Santos. Então você vê um time de fora vir aqui jogar, como eu vi o São Paulo, o Vasco, o América, esses times todos, quando era garoto, eu não podia torcer contra o Santos, torcia para o Santos. Agora, dizer hoje em dia que eu sou santista, eu quero que o Santos ganhe, mas também não vou me matar por causa do Santos, ser um torcedor fanático; porque a política é grande contra o Santos. Porque na época que eu vi o Santos quando começou, o primeiro campeonato que eu vi do Santos foi em 55, eu posso falar. Depois disso o Vasconcelos fraturou a perna, em 56 para 57, subiu esse Pelé aí, essa assumidade, entendeu? Então você tenta ser mais ou menos meio prático. Esse pessoal que vinha de São Paulo irradiar o jogo do Santos, focalizar o Santos, eles eram obrigados a fazer aquilo, eles eram obrigados. Eu digo o seguinte, o Pelé é o maior jogador de futebol do mundo, e o Pelé, esse negócio do pessoal de São Paulo vir, o pessoal do Brasil todo do mundo todo queria ver o Pelé, quer dizer, eles eram obrigados a engolir nós aqui em Santos por causa do Pelé, mas fora disso tinha outros grandes jogadores, outros grandes jogadores. Vocês acabaram de falar agora com o Zito, o Zito foi um grande jogador. Tivemos Dorval, Coutinho, Pelé, o Pepe, veio o Edu depois, quer dizer, o time foi muito grande. Quer dizer, eles eram obrigados a vir aqui e focalizar o Santos, porque o Santos ganhou muita coisa. E além disso tinha o maior futebol do mundo que chamava Edson Arantes do Nascimento, Pelé.

B.H. - E você gostava de acompanhar futebol pelo rádio naquela época ou você preferia jogar?

J.C. - Quando tinha jogo aqui, se fosse possível eu preferia ver o jogo aqui. Mas praticamente eu estou falando tudo mais ou menos, -estou indo lá e voltando aqui-, praticamente eu fui um cara que dei sorte, porque muitos jogadores que jogou comigo na Portuguesa Santista gostaria de ter vindo para o Santos, mas não veio para o Santos. Além de ter dado sorte, de ter chegado com 18 anos, o Santos ter mandado me comprar, eu também tinha que ter potencial, e dei sorte de ficar no Santos de nove para dez anos. Não fui um titular, mas um jogador para ficar nove, dez anos no clube o cara tem que ter um potencial mais ou menos, agora, não fui titular. Fui titular várias vezes, joguei, saí, joguei, saí, fiquei de nove para dez anos aqui no Santos. Então, esse caso do Santos

Transcrição

fazer essa excursão como fazia, de jogar no Brasil e jogar no exterior; hoje em dia está difícil do time brasileiro fazer isso, além disso o Santos tinha o Pelé, então todo mundo queria ver o Pelé. Só que o Pelé era um jogador que não jogava sozinho, ele jogava com 11. Então, como eu fiquei nesse plantel esse tempo todo, dos anos 60 para o começo de 70, eu fui em muitas excursões com o Santos porque queriam ver o Pelé, me viam também, eu estava entre os 18.

B.H. - Nesse começo, nas suas lembranças de início do futebol, tinha um jogador que você tinha como ídolo, que era um modelo, uma referência?

J.C. - Não vou dizer que era um jogador que era modelo, mas eu vi jogar Manga, Hélvio, Ivan, vi no time do Santos Zito, Formiga do Batan, vi Alfredinho jogar, vi Álvaro jogar, vi Pepe jogar, vi o Delvéquio jogar, você nunca ouviu falar nesse time, Vasconcelos jogar. Você ouviu falar nesse time? Então, essa maioria é de 55. Então, eu fui vendo esse pessoal todo. E quando cheguei, eu não jogava. Quando eu estive no campeonato mundial em 1963, o Santos tinha sido campeão do mundo em 62, em 63, chegou no campeonato mundial, que foi aqui no Maracanã, o jogo fez um jogo contra o Milan, ganhou de 4x2 num jogo, depois no outro jogo ganhou de 1x0, gol do Dalmo de pênalti, que o Pepe não bateu o pênalti, era o bicampeonato, eu estava na reserva desse jogo, do Mauro e do Haroldo. Isso foi em 63.

B.H. - Então as suas referências eram o próprio time do Santos? Que depois você fez parte.

J.C. – Claro, o time do Santos. Mas já que você quer que eu fale de um grande jogador, apesar de ter visto o Hélvio jogar, joguei com o Mauro, joguei com Albert, joguei com Haroldo, joguei com o Modesto, joguei com Orlando Peçanha, joguei com o Brito na seleção, joguei com o Jurandir na seleção, joguei com esses vários jogadores, mas um grande jogador que eu admiro jogando do meu lado no Santos foi o Ramos Delgado, foi um excelente jogador de bola na posição de beque central.

J.F. - Mais que o Djalma Dias?

Transcrição

J.C. - Era outra característica. Djalma Dias era outra característica. Agora como o Ramos Delgado, como zagueiro, minha opinião, eu sou mais o Ramos Delgado. Djalma foi um grande jogador, características diferentes. Essa é minha opinião, muita gente não deve concordar com isso.

B.H. - Como foi entrar nesse time que já tinha tantos títulos, tantas estrelas, como foi para você se afirmar nesse meio?

J.C. - Como eu vou te explicar isso aí? Isso aí eu vou te explicar o seguinte, como eu falei o nome desse pessoal todo, praticamente eu me firmei mesmo jogando de quarto zagueiro, quando houve uma mudança do treinador. O treinador era o falecido Lula, vocês não devem lembrar muito dele, saiu o Lula em 66, entrou o Antoninho Fernando, então como eu jogava, saia, jogava de volante, jogava de quarto zagueiro, saia, ele iniciou o seguinte, então vamos mudar tudo. Vamos começar jogando com o Claudio no gol, o Carlos Alberto, não sei se vocês... capitão Carlos Alberto, o Ramos Delgado que era argentino, eu e o Rildo do lado esquerdo. Saiu o Zito, subiu o Clodoaldo, jogava no Negreiro, tinha o Lima também que jogava, jogava o Lima, saiu Dorval, jogou Wilson Tergal, em 67 isso, o Coutinho saiu também, chegou Toninho Guerreiro, o Pelé, o Abel e o Edu, praticamente o Pepe saiu, foi o treinador. Então esse pessoal, de 67 a 69, foi todo mundo tricampeão do mundo. Eu estava incluído nesse pessoal. Aí veio a Copa, veio a Copa o pessoal mudou. Veio o Saldanha. O Saldanha compôs o pessoal todo da defesa: Claudio, Carlos Alberto, eu, e o Rildo. Não convocou o Ramos Delgado porque era argentino. Então já estava aqui o Djalma Dias, foi o Djalma Dias. Aí formou a base para disputar as eliminatórias, o pessoal da defesa do Santos. Disputou a eliminatória e tal. Só que o Saldanha saiu e veio o Zagallo, e na Copa de 70 que eu fiquei entre o pessoal, ficou o Clodoaldo, eu, o Edu, o Pelé, ficou cinco jogadores do Santos só. A base para eliminatória foi quase o time do Santos todo, mas depois cortou, veio o Zagallo, cortaram e ficaram cinco jogadores; eu fui um que fiquei incluído na Copa de 70. Só que cheguei na Copa, joguei na eliminatória, chegou na Copa, não joguei. Fiquei na reserva.

B.H. - Então de 63 a 67 você foi se afirmando no Santos?

Transcrição

J.C. - De 67 a 69. Ali que eu me firmei jogando de quarto zagueiro. Porque eu jogava tanto de quarto zagueiro como de médio volante. Eu era um garoto novo, sabia jogar, modéstia a parte, e joguei muito de médio volante. Tinha vez que eu jogava com o Lima, tinha vez que o Menga não jogava, e tinha o Mengálvio ainda, e tinha o Zito aí; o Santos teve um jogador chamado Salamão e o Rossi, dois grandes meia direita, chegou aqui no time de Santos e não jogou, foram contratados e não jogaram. Isso é outra história. Joguei muitas vezes como médio volante no time do Santos. Só que eu me formei mesmo de 67, 68, 69 como titular.

J.F. - Joel, você teve uma ascensão também impressionante porque você chega em agosto de 63, em maio de 64 você já está na Taça das Nações jogando pela seleção brasileira, 5x1 sobre a Inglaterra no Maracanã, se lembra?

J.C. - Justamente, bem lembrado. Então cheguei ali na seleção, o treinador era o Feola ainda, que o Garrincha não participou, é, não participou, ali, a explicação que dão é essa, porque eu fui convocado com 18 anos e fui o tempo todo titular. Alegre esse jogo, mas perdemos depois aqui no Pacaembu contra Argentina, então joguei na Taça das Nações, bem lembrado, nem me lembro disso. Joguei na Taça das Nações, porque fui convocado, eu era um garoto meio alto, disseram isso, e sabia jogar, aí o pessoal da seleção já começou com essa ideia de convocar os dois zagueiros ali da área, não sei se convocaram jogadores baixos. Tinha Brito, eu fui convocado, joguei, jogou o Carlos Alberto e acho que foi o Rildo. Gerson jogou, Jairzinho na frente, Dias, é o Dias, um grande jogador, na minha opinião, grande jogador. Muitas vezes ele jogou no São Paulo marcando o Pelé, marcando bem, sem dar pancada. Porque tinha jogador que chegava no Pelé só para dar pancada, ele não, foi um grande jogador o Dias. Eu acho que até em 70 ele podia estar entre nós lá, ele não ficou entre nós. Justamente, teve essa Taça das Nações em 64. Só que o Brasil não ganhou isso aí.

J.F. - Foi a Argentina.

J.C. - Foi a Argentina que ganhou.

J.F. - E você acha que o fato de não ter ganho, te prejudicou para não chegar na Copa de 66?

Transcrição

J.C. - Ah, complicou um pouco, complicou um pouco porque queira ou não queira, o futebol tem os comentaristas. [risos]. E na seleção brasileira, eu reparei, reparei não, mas é assim: o comentarista de Minas Gerais ele adorava entrevistar o Tostão, o Piazza, aquele pessoal de Minas Gerais. O de São Paulo entrevistava o pessoal de São Paulo, o do Rio o pessoal do Rio, então tinha todo tipo de comentarista como tem hoje em dia. Muita gente me pichou naquela seleção. Mas mesmo assim, eu tendo potencial, consegui ficar quase dez anos aqui no Santos. Você viu que depois eu voltei na seleção.

B.H. - Depois quando tem a passagem do Feola para o Aymoré Moreira como você... você volta a ter uma chance?

J.C. - Voltei a ter uma chance grande. Saiu o Feola em 64, em 68 fizemos uma excursão que eu fui convocado, ali saiu à seleção base para a Copa do mundo de 70, porque estava todo mundo ali. Estava o Jurandir, que não foi na Copa, estava o Carlos Alberto, Clodoaldo, Piazza, Rivelino, Tostão, aquele Duarte que morreu lá do Corinthians, aquele ponta-esquerda, o Natal, Edu, saiu à seleção base de 68 para disputar a Copa, ali já era o Aymoré. Só que quando foi para disputar as eliminatórias, Brasil estava descredito de 66 da Inglaterra, as eliminatórias de 69, aí já chegou o Saldanha. Você vê que chegou o Saldanha, era um repórter que tinha muito prestígio, ele escalou a seleção, a seleção classificou para o Mundial e teve muitas histórias que contam. Tem uma história folclórica que classificou e depois praticamente, não é que ele abandonou, ele não fez questão nenhuma de ir na Copa. Só que houve um problema, o seguinte. Naquela época o presidente era o Médici, o Médici deu uma opinião: “gostaria de ver o Dario na seleção”, saiu o Saldanha, entrou o Zagallo, convocaram o Dario; e o Dario foi campeão do mundo em 70. E o Toninho Guerreiro estava, foi cortado para fazer operação das amígdalas. São histórias que contam, que a gente... Mas no fundo, no fundo, acontece essas coisas que aconteceu.

B.H. - Nesse contexto, o Santos, em 69, tem dentre as várias excursões que vocês fazem, vocês fazem para os Estados Unidos, para a Colômbia, viagem para a África, como foi?

Transcrição

J.C. - Teve a viagem da Colômbia que o Pelé é expulso, Pelé é expulso; o time do Santos naquela época tinha muito jogador escuro, muito jogador preto, tinha Edu, Coutinho, não lembro se Coutinho estava, Lima, tinha muito jogador escuro. Aí o Pelé teve um tipo de uma discussão lá no jogo, o juiz achou que foi o Pelé, expulsou o Pelé. O Pelé foi para o vestiário. Quando viu que o Pelé não estava mais jogando a torcida quis invadir o estádio. Aí foram obrigados a ir lá buscar o Pelé de novo para o jogo continuar. E teve um jogo na África, os dois lados estavam guerreando, como ia ter o jogo do Santos, pararam a guerra, viram o Pelé, e depois continuaram guerreando.

J.F. - A recepção na África era muito calorosa para o time do Santos?

J.C. - Isso aí não era só na África não, tanto no Brasil como no mundo todo. Porque o Pelé é um mito, não só como para nós, mas mundialmente, só que existe gerações. E o Pelé com ex-jogador, como foi, como ele é até hoje, todo mundo queria ver o Pelé. Então muitos lugares que nós fomos, como estava o Pelé no contexto, era complicado mesmo, muita gente queria ver o Pelé e a gente estava no embalo lá, dos 18. Eu não tenho muito que falar sobre essas coisas. Isso são coisas que eu recordo agora, mas eu tenho minha opinião sobre isso, vocês são mais novos, mas teve jogadores que participaram mais. Quer dizer, teve mais nome merecidamente. Eu posso falar, por exemplo, vocês já ouviram falar no Dorval, o Dorval foi um grande jogador, as pessoas falam na linha que jogou, tal, outro grande jogador, não é só porque ele é escuro, o Edu, eu acho que as pessoas não dão muito valor como eu acho que tem que dar valor para o Edu. O Edu para mim foi um dos maiores jogadores do mundo. Além de ter o visto eu joguei com ele. Quer dizer, tem gente que diz que eu estou puxando sardinha... mas ele foi. Outro grande jogador que o pessoal também não fala muito aqui é o Carlos Alberto, na posição dele eu acho que não teve igual a ele. Mas não adianta muito eu estar falando isso porque gente...

B.H. - Muitos dizem que a Copa de 66 ele já deveria ter jogado.

J.C. - Então, 66 e do jeito que ele *joga bola*. Você vai fazer uma seleção de todos os tempos, vão falar do Djalma Santos, não vamos desmerecer, mas o Carlos Alberto jogava muito mais, muito mais que o Djalma Santos, ninguém fala isso aí. Quer dizer,

Transcrição

umas coisas que eu estou falando para vocês assim que vocês estão fazendo... Agora, não falo de jeito nenhum. Para mim foi dois grandes jogadores que eu vi jogar, e continuo vendo jogar, que nem hoje, nós estamos em 2012, aquele gol que aquele crioulo fez lá, naquela seleção italiana, aquilo ali foi excepcional. Pode ser que nunca mais ele faça nada daquilo, mas aquilo ali tem que se comentar aquilo ali. Não sei se vocês viram, os caras estão contra ele ali do jeito dele ser, mas pô, mas foi jogada de bola, ele foi lá meteu dois gols, meteu a seleção dele lá, porque a Itália praticamente estava morta, diz que a Alemanha ia ganhar. Quer dizer, isso é bom para ver, porque esse negócio de preconceito de cor, porque os caras veem um crioulo, que nem eles estão fazendo problema de cor, que ele falou: “se alguém me jogar uma banana, eu dou um tiro” Isso é gozação. Mas muita gente vai nesse embalo. Ele fez dois gols ali que matou aquela seleção alemã, quer dizer, eu estou falando isso querendo explicar esse negócio que eu falo do Carlos Alberto e do Edu. Muita gente não concorda que eu falo isso. Para mim foi dois grandes jogadores do mundo, só que as pessoas não falam muito isso. Vive o futebol, vive o momento...

B.H. - Mas já falando melhor do mundo, o Saldanha afirmava, ainda nas eliminatórias, de 69, se referia a você como o melhor quarto zagueiro do mundo, palavras dele.

J.C. - Isso é opinião dele, opinião dele. Dizer que ele está errado? Mas é opinião dele. Agora vou ficar falando... acho que entendi o que você está falando.

B.H. – Também que você teve o apelido de Açucareiro porque jogava bonito com braços abertos, é isso?

J.C. - Estilo, estilo, situação de jogada. Esse negócio de Açucareiro vocês nem eram nascidos. Quem começou com isso foi o Mario Moraes aqui, do São Paulo.

B.H. - Jornalista.

J.C. - Comentarista. Começou isso aqui.

B.H. - Foi ele que criou esse apelido?

J.C. – Criou esse apelido. Mas isso é um detalhezinho que...

Transcrição

B.H. - Mas pegou?

J.C. - Pegou, pegou. Pegou mas... Como eu estou falando, acho que foi mais ou menos com... Eu acompanhei muito, mas não tive esse nome todo que eu podia ter tido no futebol. Mas também não me arrependo, não me arrependo. Porque hoje em dia o futebol é mais divulgado, na nossa época que jogamos nos anos 70, 60, o futebol não era divulgado como agora. Isso é evolução do tempo, isso é uma evolução do tempo.

J.F. - Joel, você ficou como titular dessa longa excursão de 1968, o Brasil começa com o Uruguai, aqui no Maracanã e em São Paulo, depois vai para Europa, joga em Moçambique, Portugal e o tempo inteiro você como titular.

J.C. - Inauguração do estádio lá em Portugal, você estava como titular.

J.F. - Oliveira Salazar o estádio.

J.C. - Ali eu comecei na seleção como titular.

J.F. - E com o Saldanha você continua como titular?

J.C. - Continuei como titular porque o Saldanha... era o treinador Aymoré, o Saldanha foi como radialista, o que tinha de radialista de Minas Gérias, de Porto Alegre, de todo lugar do país, negócio de futebol, então fizeram essa excursão que nós fizemos, essa excursão começou na Europa, da Europa nós fomos jogar nos Estados Unidos, dos Estados Unidos nós viemos para o último dos jogos, viemos jogar contra a seleção do Peru contra o Didi. Deu 60 e poucos dias de excursão, então estava todo mundo. O Saldanha era um dos jornalistas ali. Aí em 69 começou aquele negócio, ele foi para a seleção.

J.F. - A queda do Saldanha, você acha que passa também por aquele jogo contra o Atlético Mineiro, depois das eliminatórias, quando a seleção perde por 2x1?

J.C. - [riso] Tenho outra opinião disso aí. Eu nunca falei, vou falar. A queda do Saldanha, porque o Brasil já saiu desacredito em 66, quando o Brasil se classificou, o Saldanha, se ele quer, eu acho, se ele quer ele fica de treinador. Não sei por quê... Porque teve o problema do Médici, teve esse negócio do Médici de dizer esse negócio

Transcrição

do Dario, dizem que fizeram isso porque o Médici era o presidente do Brasil. Mas o Saldanha, quando chegamos no jogo no Morumbi, contra o Chile, o Saldanha inventou de por o Pelé na reserva, porra. Não sei se você se lembra disso? Aí foram apertar o Saldanha: “mas, pô, o melhor jogador de futebol, Saldanha!” eu tenho minha opinião sobre isso. “Você deixa o cara na reserva?” “O Pelé está com problema na vista.” “O Pelé está com problema de vista! Tu viu o primeiro jogo contra a Tchecoslováquia, pegou a bola no meio, quase mete a bola no gol? O cara que está com problema de vista vai fazer uma coisa dessa?” Ali começou umas coisas. Não sei o que houve, esse negócio do presidente também do Dario, ele falou na rádio: “não vou ser mais treinador.” E outra coisa, eu vou te falar, porque o treinador na época, depois que saiu o Saldanha, ninguém queria o Zagallo, queriam o Dino Sani, o Dino Sani não quis ser treinador, aí veio o Zagallo. Aí com o Zagallo fomos campeão do mundo. São esses detalhes que eu tenho minha opinião e vi isso aí. E eu não joguei, como o Edu também não jogou, jogou o Rivelino lá de esquerdo, jogou Piazza de quarto zagueiro, eu não joguei, o treinador era o Zagallo.

J.F. - Ele chegou a convocar o Leônidas, zagueiro do Botafogo.

J.C. - Não, já estava, o Leônidas foi cortado. O Saldanha tirou o Rildo, convocou o Everaldo, ele tirou Djalma Dias colocou o Baldocchi, ele convocou Leônidas e eu quarto zagueiro, Baldocchi e Brito, Everaldo e Marco Antônio. Marco Antônio com 17 anos. Carlos Alberto e Zé Maria, só que aí começou aquele negócio, o Leônidas tinha que operar o menisco. Aí convocaram aquele lá do Vasco, Fontana. Eu fiquei de fazer operação das amígdalas, já tinha que ter feito aqui no Santos e não fui. Cheguei na seleção, nessa época o dr. Lido Toledo, falou: “tu tem que fazer operação das amígdalas.” Aí eu fui convocado. Um dia: “tu tem que fazer operação das amígdalas se não vou mandar cortar.” Aí eu fiquei com medo, aí fui fazer operação das amígdalas. O Baldocchi tinha um problema de tornozelo. Ele não treinava. O Piazza começou a treinar de quarto zagueiro, aí convocaram o Fontana, e tinha que treinar. Eu com problema de amígdalas não treinava porque tinha que me recuperar, não tinha fome, tal, esse negócio todo. Aí foi mudando aquilo lá, aí veio o Zagallo, quando veio o Zagallo nós fizemos amistosos, não joguei, jogamos contra a Áustria, foi 1x0, tal, aí nós saímos

Transcrição

desacreditados daqui do Brasil. Chegamos 40 dias lá no México, aí o Zagallo, “não vou mais fazer coletivo senão alguém vai se machucar.” Só que chegou na hora de começar a Copa do Mundo, ele falou: “vamos começar a Copa do Mundo assim, se ganhar, se a gente for ganhando vai ficando assim, senão a gente vai mudar.” Só que foi indo, foi indo, ganhou, teve o jogo que o Gerson não jogou, jogou o Caju, foi indo, foram seis jogos, foi um tiro curto, aí o Zagallo, pá, pá, pá, ganhamos, Brasil ganhou, fomos campeão do mundo, foi uma festa para todo mundo, todo mundo ganhou o “bicho”, ganhou todo mundo igual, todo mundo de volta, e eu acabei não jogando a Copa do Mundo. Estou falando isso para vocês agora, também não tenho que estar falando nada disso aqui, também não vou ganhar mais nada com isso aí.

B.H. - Mas tinha uma certa expectativa, a cada jogo: “será que eu vou ter condição?”, ou você sentiu que com o Zagallo não ia?

J.C. - Senti que o Zagallo, os três primeiros jogos, nem na reserva eu fiquei, eu vou ficar na reserva depois, dos três últimos jogos. Aí sim, eu achei que podia jogar, mas só que eu não joguei. Acho que foi bbbb, contra o Uruguai, os três últimos jogos na Copa de 70. E na decisão Itália.

J.F. - Mas contra a Romênia joga o Fontana...

J.C. - Ali houve uma mudança, também não joguei. Ali Os três primeiros jogos nem na reserva eu fiquei, só fiquei, só nas três últimas da final. Não me lembro bem se foi contra o Peru, aquele jogo que o Pelé levou uma cotovelada do quarto zagueiro, Uruguai e o último jogo contra a Itália.

B.H. - Esse período de antecipação para se aclimatar a altitude, os 40 dias, você considera que isso, de fato, favoreceu a conquista, a preparação?

J.C. - A preparação foi uma ideia... Duas coisas que eu acho que foi para ser o Brasil... Além do Brasil ter jogado, o Brasil deu exibição, faz tempo que isso não acontece. Mas a maioria do time brasileiro sempre foi assim, as seleções do Brasil. Hoje em dia, não, já está diferente. Mas o que o Brasil jogou em 70... eu fiquei no quarto com o Pelé, o Pelé estava com 30 anos, *o que ele jogou ali foi excepcional*. Então duas

Transcrição

coisas eles fizeram. A ida 40 dias antes, e levar o cozinheiro, esqueci o nome dele, levaram o cozinheiro, várias coisas do Brasil. Quer dizer, nós tínhamos alimentação brasileira e ficamos lá num lugar, Guanajuato, um negócio assim, ficamos 40 dias antes. E o Pelé jogou com 30 anos. Ele jogou essa Copa e não jogou mais Copa nenhuma. Podia ter jogado em 74 e 78. Jogaram Cosmos depois de 1974. Como ele jogou lá no Cosmos ainda?

B.H. - E o tipo de treinamento, em relação ao que você tinha no Santos, e que você recebeu na seleção brasileira era muito distinto?

J.C. - Ah, lá foi um treinamento que ajudou muito. As vezes que eu fui na seleção, quando começou o teste de Cooper, esse negócio todo... Porque treinamento tem jogador que precisa treinar, a maioria do jogador precisa se manter. Então, Pelé para mim sempre foi o atleta do século. Ele era um jogador que jogava, mas ele sabia que tinha que treinar, porque jogador de futebol de hoje em dia que joga e não treina, esse cara não vai jogar, isso é mundialmente. Além do Pelé jogar bem, treinar, esse negócio todo, tu não pode ver o Pelé dar bicho todo dia, metendo golão, treinando e tu vai ficar enganando. Tem que treinar. A seleção tem uma comissão técnica de treinador. Por mais que quisesse ganhar, não dava para enganar. Então tinha que treinar. Não vou dizer que os caras ficam enganando aqui no Santos. Mas o jogador que quer se enganar, ele não vai jogar bola, pode meter um, dois gols, durante a semana não treinar... Hoje em dia tem jogo quarta e domingo, mas eles têm que se manter, e se mantendo tem que haver treinamento. Jogador que fica de enganação, como teve muito na minha época, hoje em dia não tem. Hoje em dia o treinador fica de manhã e de tarde no campo. Então o atleta, por isso se chama atleta, tem que treinar. Essa é a minha opinião. E quando o Brasil foi na Copa de 70 o Brasil ficou 40 dias lá, mas 40 dias no México, em Guanajuato, e vamos fazer o que? Tem que treinar e treinar. Eu acho que isso ajudou muito nós lá, ajudou muito.

B.H. - Essa comissão técnica era composta pelo...

J.C. - Pelos militares.

B.H. - Esse tipo de treinamento tinha uma base militar?

Transcrição

J.C. - Não, não é que tinha uma base militar, era um negócio mais rigoroso. Por exemplo, em 70, quando nós fomos para Copa do Mundo. Esses dois, um foi campeão do mundo, outro que morreu, estava na comissão de treinamento, era o Claudio Coutinho e o Parreira, eles eram uns que compunham a comissão técnica, para fazer o tipo de treinamento físico.

B.H. - E essa rigidez do treinamento também era uma rigidez com a disciplina do extracampo, comportamento de vocês, poder sair da concentração?

J.C. - Era uma rigidez porque você está na seleção brasileira. Eu acho isso. Por exemplo, para mim dois caras que tinham um físico privilegiado e treinava era o Jairzinho e o Brito. Quer dizer, todo mundo treinava. Isso ajudou para todo mundo, foi bom para todo mundo. E você estando numa seleção brasileira como nós estávamos ali, aquilo é uma responsabilidade, como é uma responsabilidade você estar no Santos, mas na seleção brasileira além de ter a responsabilidade tinha um tipo de um vigiamento, não vai ficar enganando; tem os caras lá na frente, uns caras aqui no meio, todo mundo aqui, uma comissão técnica, vai ficar enganando? Vai ficar enganando, vai ficar no vestiário lá, vai avisar que está com uma dor, esse negócio todo. Porque isso sempre existiu no futebol. Eu não sei se eu estou sabendo explicar direito isso para vocês. Porque jogador de futebol é uma profissão, na minha época as pessoas achavam que não era uma boa profissão, mas hoje em dia, jogador de futebol, como eu estou falando que tem que treinar, hoje dificilmente o cara vai se enganar, ficar se enganando a si próprio, só ele que vai ser prejudicado. Então naquela época, nós estamos numa seleção, se tem uma comissão técnica que vai ficar aqui na frente, no meio e atrás, tu não vai ficar enganando, tu vai treinar. Não vou dizer que os caras estão fazendo isso aqui no Santos, mas tem jogador que se chegar numa certa situação, se deixar, ele... É que nem concentração, tem gente que acha que a concentração não precisa existir. Para certos jogadores não precisa, mas tem certos jogadores, como eu joguei com muitos na minha época, tinha que existir, é obrigatório ter concentração. São opiniões. Eu tenho minha opinião, eu acho que é obrigatório ter concentração. Tem jogador que acha que não, fica muito tempo preso.

Transcrição

B.H. - Você disse que a seleção saiu do Brasil desacreditada. Ficou 40 dias concentrada, se preparando para...

J.C. - Mundial. Eu digo isso em 70 que eu participei.

B.H. - Como era a presença da imprensa, havia contato direto com os jogadores, isso interferia na concentração?

J.C. - Não. Como agora, tudo tem horário. Hoje em dia termina o jogo o treinador tem que dar uma entrevista. Isso sempre existiu. Por isso que existe a imprensa. Agora muito mais ainda. Então tudo tem horário. Antes do jogo vai entrevistar fulano, beltrano, sempre foi assim, não mudou, mas hoje tem mais imprensa mundial ligada no futebol, como não tinha muito; também em 70... Hoje em dia nós somos quantos milhões de pessoas? 300 milhões, 200 e pouca milhões de pessoas? Era 90 milhões de pessoas em 70. Mas sempre existiu, a imprensa sempre acompanhou o futebol. Principalmente comigo jogando bola, não é que ela me acompanhava, acompanhava porque tinha o Pelé lá também. Pelé é um cara mundialmente famoso, eles acompanham. Como acompanham ele até hoje. Falou em futebol...

B.H. - E Copa do Mundo como você definiu bem, é um torneio tiro curto.

J.C. - Tiro curto. Naquela época eram seis jogos. Agora é mais, sete, oito jogos, não são? Naquela época era seis jogos.

B.H. - Teve algum jogo específico que esse time desacreditado passou a se credenciar como favorito e vocês passaram a concretizar a ideia de que poderiam ser campeões?

J.C. - Eu vou tentar resumir, o que eu vi, que eu estava. O jogo mais difícil foi contra a Inglaterra que o Brasil ganhou de 1x0. Ganhou ali, foi o segundo ou terceiro jogo. Quer dizer, todos os jogos foram difíceis, mas o mais difícil foi contra a Inglaterra. Eu me lembro muito bem que eu estava na reserva, eles deram um ataque, acho que estava 0x0 ou 1x1, não me lembro direito, o Felix fez um grande defesa. Nós tínhamos três goleiros, o Felix, era o mais antigo, estava com mais de 30 anos, o Ado que estava no Corinthians, e foi o Leão com 20 anos, e jogou o Felix, na minha opinião era o mais

Transcrição

fraco. Só que ele fez uma defesa, não me lembro se estava uma zero ou zero a zero , praticamente ali o Brasil ganhou o jogo. Fez uma defesa espetacular. E eles perderam um gol... O Brasil acho que estava ganhando de 1x0 e eles perderam um gol, uma jogada que teve, a bola sobrou, o cara chutou, chutou raspando. Aí o Brasil ganhou o jogo de 1x0. Depois os outros jogos teve contra o Uruguai, teve o jogo contra o Peru, aí o Brasil foi pegar essa seleção italiana, que eles tinham jogado o jogo com a Alemanha, e teve uma prorrogação, e dizem que os alemães era um adversário melhor que da Itália naquela época, e o Brasil pegou a Itália e ganhou o jogo de 4 na final.

B.H. - Então depois desse jogo com a Inglaterra, você considera...

J.C. - Eu tenho minha opinião que foi o melhor jogo do Brasil.

B.H. - E ali essa autoconfiança foi reconquistada?

J.C. - Mais confiança ainda, porque o Brasil quando começou a ganhar de 1x0, não me lembro bem se ganhou o segundo jogo ou terceiro, ele ganhou o primeiro, ganhou o segundo, aí vai jogar contra a Inglaterra, ganhou da Inglaterra ali, ali senti firmeza que o Brasil podia ganhar a Copa do Mundo, foi o que aconteceu. Por isso que eu falo que seis jogos foi um tiro curto.

J.F. – Joel, tem uma questão que foi muito discutida na época, nas eliminatórias, o Saldanha, pelo menos esquematicamente tinha montado um time 4-2-4, e o Zagallo quando assume ele disse que se fosse para jogar nesse esquema ele nem iria ao México. Houve também essa mudança das eliminatórias para a Copa de buscar uma outra composição?

J.C. - Aí eu não posso te dizer por que eu não me lembro disso aí.

J.F. - Mas o Santos que você atuava era um 4-2-4?

J.C. - Eu estou entendendo o que você está falando, mas eu jogando bola, isso aí que você está falando, eu não me lembro disso aí. O tempo que eu joguei bola e continuo acompanhando bola, eu tenho minha opinião, estou falando isso para você, mas se eu for falar para essas pessoas... Eu não fui muito atrás de treinador, não, por isso que eu fui jogar no meio de campo, não fui atrás de treinador, tenho minha opinião

Transcrição

sobre isso. Então, o falecido Lula tinha um time que não era brincadeira, só que quando ele achava que o jogador não ia jogar, ele mudava. Só que ele falava o seguinte... Vou te dar só uma explicação, vamos ver se você vai entender isso aí que você está me perguntando. Eu jogava de quarto zagueiro, ele me convocou para jogar de quarto zagueiro. Mas eu como era um cara que tinha 18 anos, sabia jogar e era um cara novo, eu saía para jogar, primeiro jogando de quarto zagueiro, eu saía para jogar, sabia jogar, atravessava, pá, fazia tabela com o Pelé as vezes, então de uma hora para outra ele começou a me por de médio volante. Então o Lula na escalação, ficava no meio de campo Joel e Lima, ele achava que eu tinha que ser o cabeça de área, e o Lima tinha que sair para jogar, só que não acontecia isso. Se eu fosse atrás do Lula um abraço. Isso é coisa de treinador, 4-2-3, 4-2-4, jogada ensaiada, *isso para mim não existe jogada ensaiada*, o cara cruza, mete o gol, jogada ensaiada! O cara cruza, mete o gol, jogada ensaiada?! *Pô, quantas bolas o cara cruza?* E sempre tive essa opinião. Falando isso mais pra vocês. Por isso agora isso eu não me lembro, jogada 4-3-4, 4 não sei o que, hoje em dia joga três zagueiros, quatro, o cara cruza de lá... o cara fala: “jogada ensaiada...” quantas vezes o cara fala isso. Tem cara que fica cruzando toda hora para os caras lá, toda hora o cara vai estar lá. Essa é minha opinião, é mais ou menos a explicação que eu queria falar sobre a mudança de tática.

J.F. - E levando em consideração a padrão de qualidade que você tinha como zagueiro, saber jogar e sair jogando e tabelar com o Pelé, você acha que o futebol brasileiro foi pouco a pouco perdendo um pouco no que diz respeito aos zagueiros, essa característica que era do Domingos da Guia, tem toda uma tradição que você levou adiante?

J.C. - Ah, mudou muito, mudou, mudou muito. Por exemplo, o time do Santos, eu joguei e participei daquilo ali. Você vê o que Pelé e o Coutinho faziam, agora você vê isso aí? *Uma vez ou outra você vê*. Eu vim ver agora outro dia no time do Palmeiras, aquele, um tal de Valdívia, ele entrou, meteu a bola na esquerda, o cara lá da esquerda meteu a bola aqui, ele veio de trás e fez o gol. Dificilmente tu vê essas coisas hoje em dia no futebol. Muita bola cruzada... Quando o jogador meter aqui no chão, o outro fazer a tabela e escorar, tu não vê. Outro dia eu também vi aquele jogador do Brasil, que

Transcrição

jogou no São Paulo, na seleção, ele fez isso outro dia. Ele com o Damião, não sei se você viu, ele um meia, ele pegou, segurou, deu para o cara, o cara devolveu para ele, ele entrou e fez o gol, esse aí que estão falando nele agora, um que era do São Paulo.

J.F. - Oscar.

J.C. - Então. Antigamente eu via muito isso com o Pelé e Coutinho, hoje eu não vejo isso, não vejo. Está difícil de ver. Hoje eu vejo muito, por exemplo, o que esse menino fez aí, ele fez sozinho, Neymar, ele fez aqui contra o Flamengo aquilo ali, até no final eu acho que ele deu uma sorte do cacete que ele tocou para cá, já entrou e depois fez o gol. Fez contra o Internacional, uma jogada de um segurar, vir de trás. Pode até se fazer. O Pelé e Coutinho fizeram muito disso. E os outros que entraram ali depois fizeram muito isso, Edu, Toninho Guerreiro não fazia, começou a fazer, fez igual o Coutinho e Pelé, eu joguei com ele.

B.H. - À medida que a final foi se aproximando, vocês estão acompanhando, fazem parte da seleção, não estão atuando no time dentro de campo, mas como é essa expectativa, foi o jogo do Uruguai, 3x1, depois o jogo com a Itália, quer dizer, é uma ansiedade, é ali uma...

J.C. – Jogo de que, do Brasil?

B.H. - Na Copa de 70.

J.C. - Ah, mas isso já faz tanto tempo.

B.H. - Você lembra...?

J.C. - Mudou. Eu falo isso porque joguei com o Pelé, joguei com o Coutinho, dois caras que fazia isso e fazia bem, mas não fazia... Eu vi fazer um jogo contra o Botafogo, fizeram isso de cabeça, pô, difícil de cabeça, uma tabela de cabeça. Hoje em dia tu não vê isso também. Não vê por causa da condição do cara do marcador, como tinha muito marcador sem categoria, sem recurso, dando pancada um no outro, hoje em dia o futebol é diferente, é mais preparo físico, não tinha muita habilidade. A seleção brasileira ia jogar em qualquer lugar, além de jogar, além de ganhar ainda dava show, hoje não dá show; também porque não estão deixando dar. Os adversários ficaram

Transcrição

mais... Outro dia eu vi essa seleção da Venezuela jogar, quem joga bola na Venezuela? Jogaram aí, endureceram pra caramba. Mas só começou na Venezuela, agora é nos lugares todos. Uma ocasião nós fomos jogar na África, o treinador fala: “fica em cima do Pelé, onde o Pelé for tu vai atrás dele.” Aí deram uma pancada no Pelé, Macedo entrou, pegou ele, o Pelé estava sendo atendido pelo Macedo, o cara ficou olhando para o Pelé. Os caras: “como é, compadre, tu não vai jogar?” “Tem que marcar o Pelé.” Esses são detalhes que... O futebol mudou muito, muito. Esse negócio de jogar, além de jogar como o Brasil jogou muitas vezes, não estou me referindo porque eu joguei nessa época, mas fora disso jogou muitas vezes isso aí, o Brasil ganhar, além de ganhar dava show, está difícil. Dizer que o Brasil vai chegar lá e vai ganhar, não vai ganhar. Em 2006 nós fomos convidados para ir na Alemanha. Chegamos lá, todo mundo achava que o Brasil era favorito, foi campeão o Brasil lá em 2006? Aquele timão que foi em 2002. Tinha o Robinho que o Robinho não jogou, não foi campeão. Só que aqui no Brasil, nosso esporte popular é o futebol. Vou te dar um exemplo hoje em dia, esse negócio do raio que cai aqui, esse negócio todo, isso é meio folclore, mas que você pega um jogador tipo esse agora, esse menino do Santos agora, com aquele outro que pintou bem, mas só que ele está com problema de contusão, e por uma rapaziada mais nova do jeito que puseram agora para as Olimpíadas, vamos ver o que vai acontecer, vamos ver o que vai acontecer. E sempre vai aparecer jogador bom. Esse Romarinho aí, ele fez três gols outro dia, não sei se ele vai ser uma sumidade, *mas é um cara que tem 21 anos*, tem que existir a renovação. Independente disso não pode ficar sempre com o medalhão. O Ronaldinho Gaúcho, pô, foi um cara que deu uma puta contribuição para o futebol, do brasileiro. Agora se ficar insistindo com o Ronaldinho Gaúcho vai [inaudível], tem que dar oportunidade para os caras. Isso é em todo setor, ninguém é insubstituível. Hoje tem esse Romarinho, meteu dois gols, outro dia meteu mais um gol agora. Não sei se ele vai ser uma sumidade, mas ele tem que fazer isso, tem que fazer isso. Isso não é só no futebol, isso é em tudo.

B.H. - Ainda falando da Copa de 70, como era o entrosamento entre os jogadores, interno, o relacionamento com a comissão técnica ou havia uma ambiente de competição...?

Transcrição

J.C. - Vou falar outra coisa, não sei se vocês vão acompanhar. A seleção sai descreditada aqui no Brasil, e um tiro curto, seis jogos. O caso do futebol, sempre foi minha opinião, posso estar errado ou não estou, opinião é o seguinte, *futebol você tem que ganhar*, você ganhou, tudo é graça. Tu não ganha... Você viu o Leão agora do São Paulo, pô, fica aquele negócio, ficou oito meses ali, ele fez um contrato não sei por quanto tempo, só que ele não ganhou, pô, eles querem ganhar, mas não... A mesma coisa na seleção. Um não gostava desse, outro não gostava... Brasil ganhou, é uma festa. Ganhou, tem que ganhar. Futebol é vitória.

B.H. - E esse para você também foi o caso da Copa de 70?

J.C. - Não é só na Copa de 70, é em tudo. Futebol tem que ganhar. Eu dou exemplo agora atual, esse Felipão aí, nem saiu o Leão, se o Felipão não classifica agora ele, apesar de ter que fazer outro jogo. Se ganhar, se perder... Eu acho que agora eles vão estourar com aquilo ali. O Valfrido⁴ teve aquele problema, ele voltou, empatou o time, classificou o time. Está classifica, não está? Então. Ganhou, ganhou, é festa e tal. Mas não ganha, é complicado.

J.F. - Mas, particularmente, a relação sua com o Zagallo, você acha que poderia ter merecido uma chance digamos, por parte do Zagallo, ou foi uma relação sempre fria e distante?

J.C. - [riso] Você também... Claro que eu fiquei chateado não ter jogado, mas agora, depois disso tudo que passou, vou ficar brigando como Zagallo? O que eu vou ganhar com isso?

B.H. - Mas tinha um nível de conversa de jogador e técnico?

J.C. - Não. Com o Zagallo foi até interessante, porque quando o Zagallo chegou, nós fomos embora, fomos viajar praticamente, só jogamos um jogo aqui no Morumbi, o Brasil ganhou de 1x0 da Áustria, e saímos, fomos viajar, 40 dias. Não tive muito tempo de ter diálogo com o Zagallo. Mas vendo assim, do jeito que foi falado, ganhamos um bicho, o bicho foi bom naquela época, 1970, e ficou combinado o seguinte, então para

⁴ Está se referindo a Jorge Luis Valdivia Toro, jogador do Palmeiras.

Transcrição

não haver chiadeira, quem jogar ganha tanto, quem não jogar vai ganhar a mesma coisa. Eu que era um cara novo, eu achei que não devia chiar e não chiei. Acabou a Copa cada um foi para seu lugar, eu nunca mais... Cruzei várias vezes com o Zagallo, me cumprimentei, cumprimentei ele, mas vou ficar brigando com o Zagallo!? Achei que não valia pena.

J.F. - Mas hoje você acha que merecia e tinha condições...

J.C. - Essa é minha opinião. Isso não é só a minha opinião, é a opinião de muita gente que naquela época que acompanhava o futebol. Achava que eu tinha na época ter sido o titular pela bola que eu jogava, pela idade que eu estava, e uma seleção praticamente nova, eu teria que ter jogado ali. Fiquei chateado na época, depois de um certo tempo, eu falo isso agora com vocês que estou dando uma entrevista.

B.H. - Vamos fazer uma breve interrupção para trocar a fita.

[FINAL DO ARQUIVO I]

B.H. - Queria que o senhor contasse ainda as lembranças sobre a Copa de 70.

J.C. - Não tenho muito o que falar, não me lembro muito disso. O que eu poderia falar sobre isso aí?

B.H. - Depois que venceu contra os italianos, 4x1, jogo até hoje lembrado pela beleza dos quatro gols, você lembra da comemoração, da volta para o Brasil, da recepção, do contexto histórico da época?

J.C. - Depois da Copa, era a terceira Copa. Porque antes teve 58 e 62, aquele pessoal de 58 e 62, não estava na maioria, mas o Pelé em 58 já estava, o Zito já estava, bom, o Zito não estava em 70, mas o Pelé já estava. Só que o Pelé era muito novo. Foi muito rápido, porque nós somos de Santos, o pessoal do Rio ficou no Rio, pessoal de São Paulo veio, e o Clodoaldo, eu, o Edu, o Rivelino, o Ado, o Pelé em São Paulo não ficou, aí tive que vir em Santos, tivemos que vir em Santos, só que houve uma coisa que... não sei se vocês sabem, em 70, depois da Copa, teve uma homenagem em São

Transcrição

Paulo que o Maluf deu um carro Volks para cada um. Ali foi... O pessoal que mexia com política achou aquilo errado. Para nós foi uma grande coisa, 22 jogadores, mais o Zagallo, Mario Américo era o massagista e o [inaudível], foi 25 carros que deram. Aquilo ali foi muito comentado. Porque era a terceira Copa do Mundo, o pessoal do Rio ficou no Rio, o pessoal do sul que tinha o Everaldo, e o Tostão e Piazza que era de Belo Horizonte foi para Belo Horizonte.

J.F. - Mas teve uma recepção em Brasília.

J.C. - Ah, sim, antes, assim que nós chegamos no Brasil, descemos em Brasília, justamente. Teve uma recepção lá do pessoal, acho que era o Médici o presidente. Brasília, Rio, *desfilamos no Rio, desfilamos em São Paulo também, e desfilamos aqui em Santos, foi, foi justamente*. Mas isso em 70, hem.

B.H. - Fala-se que nessa época o governo teria aproveitado o fato da conquista do tri para se valer disso. Os jogadores pensavam... isso era falado?

J.C. - Não, poderiam ter comentado sobre isso, mas nós jogadores não tínhamos esse problema, pelo menos eu não tinha esse problema. Nós fomos focados no negócio de jogar bola, fomos focados no negócio de jogar bola e fomos campeão do mundo, 70. Agora isso que você está falando poderia ter existido, muita gente fala, mas nós estávamos focados em jogar bola. Então jogando bola nós achamos que fizemos nossa obrigação, pelo menos eu penso assim.

B.H. - Ainda no México, vocês imaginavam que a torcida mexicana teria aquele entusiasmo com a seleção brasileira? Vocês esperavam?

J.C. - O caso é o seguinte, futebol é uma coisa muito emocionante, e nós brasileiros além de ter grande estímulo como tivemos, jogamos no México, o pessoal no México lá adora futebol. Não é a seleção mexicana, mas a seleção brasileira do jeito que jogou essa Copa do Mundo, pô, ficaram *satisfeitíssimo* de ver aquilo lá, e fomos campeão do mundo. Como nós ficamos satisfeitos, eles ficaram satisfeitos. Porque todos os jogos os estádios estavam tudo lotado. Então o cara ia nos jogos, via bom futebol e via uma exibição. Hoje em dia isso é coisa meio difícil de acontecer. Pode até

Transcrição

acontecer. Você vê essa Copa, agora que tenho idade, estou assistindo esse torneio da Europa, vê a vibração que é aquilo lá? Na minha opinião, *futebol feio aquilo ali*. [risos]. Você não vê futebol bonito jogando com o Pelé, aqui no Brasil, fora também. Lá eu estou vendo um futebol feio pra caramba. Essa é minha opinião. Então o mexicano viu aquilo lá, eles adoram futebol o mexicano e ver um futebol daquele, merecidamente, merecido como o Brasil fez em 70, eu falo porque eu estava lá e vi.

B.H. - Cenas que a televisão mostra no final é o público invadindo o gramado e praticamente arrancando as roupas dos jogadores.

J.C. - Justamente. Aquilo é emocionante. Emocionante para nós que fomos campeão, e eles vendo aquilo lá. O Pelé fazendo o que fez, o Pelé, o Jairzinho fez *sete gols na Copa de 70, sete gols*. Praticamente, se o Rogério está bom, quem vai jogar é o Rogério. Vocês não lembram disso, jogou Jairzinho. Jairzinho, Tostão, Pelé e Rivelino do lado de lá, Gerson, Clodoaldo, Roberto, Brito, Piazza e Everaldo, fomos campeão. Os caras não vão gostar disso? Vão gostar disso. Não só o mexicano, como todo mundo vai gostar de ver isso aí.

J.F. - Joel, queria estender essa pergunta do Bernardo, e o Santos que excursionava muito, sobretudo pela América, na Argentina, a relação com a torcida era também esta de admiração ou tinha hostilidade, provocação?

J.C. - Pelo menos nos lugares que eu fui, o Santos era muito querido. O Santos além de ser querido, eu digo querido... O Santos dava exibição, o Santos jogava e dava exibição. E tinha o maior jogador de futebol do mundo, que todo mundo queria ver. O cara foi campeão todas as vezes que foi na seleção, praticamente, ele foi em 58 que ele foi, ele foi em 62 que ele se machucou e 66 machucaram ele, em 70 ele foi campeão. Então as vezes que estive no Santos, o Santos excursionava e todo mundo queria ver o rei Pelé. Então o Santos foi um grande time, grande time. Jogava no exterior, dificilmente... Nós não perdíamos. Eu me lembro de uma ocasião que em 67, eu já estava, nós fomos fazer um jogo na Alemanha, não me lembro que lugar da Alemanha foi, uma correria que não era brincadeira, a gente viajava para cá para lá, uma correria, o time ganhou de 7x6, terminou o jogo, não me lembro o lugar, isso eu não me esqueço, o

Transcrição

estádio todo ficou de pé aplaudindo o time do Santos. O time do Santos era para perder aquele dia, ganhou de 7x6 na Alemanha. Isso foi num dos lugares. Ia jogar na África, então, uma sumidade. E todo lugar que o Santos jogava era uma torcida que não era brincadeira. Por exemplo, tinha lugar que a gente ia jogar, o Pelé se machucava. Uma ocasião na Espanha ele se machucou, aí jogamos o torneio, aí tinha que jogar em outros lugares, mas o Pelé... “então se o Pelé não está para vir jogar, não precisa vir ninguém.” Acabava a excursão, viemos embora, são detalhes que... Eu continuo falando, o Pelé era um jogador de bola que tinha que jogar com mais dez, ele não jogava sozinho. Então era obrigado a ir 18 caras. Eu fui muito nesse embalo aí.

B.H. - O milésimo gol do Pelé foi vivenciado pelo time?

J.C. - O milésimo gol dele? Eu me lembro que nós fomos jogar na Bahia, jogamos outro jogo, todo mundo achava que ele ia fazer o mil gol lá e não fez. Ele foi fazer o gol no Maracanã, contra aquele goleiro Andrade lá. Esse jogo eu estava na reserva e joguei no segundo tempo. Até que ele falou que, “ofereço esse jogo as criancinhas”, aquele negócio todo. Agora, por exemplo, você está falando no milésimo gol, ele fez um filme agora *Isso é Pelé*, ele fez quase mil e trezentos gols, e nesse filme só tem 400 gols dele, porque não dá para passar todos os gols dele. É que eu fui um privilegiado de ver os gols do Pelé. Não comecei jogando com ele, mas praticamente eu vi todos os gols do Pelé. Sensacionais os gols. E nesse filme parece que só tem 400. Ele fez 1200, 1300 gols. *Ele foi o atleta do século*. Pode aparecer, mas vai ser difícil aparecer. Pode querer fazer comparação. A gente não faz comparação que o Maradona é melhor, isso é opinião de argentino, mas não é melhor. Maradona jogou uma Copa, foi campeão, o Pelé jogou três e podia ter jogado mais duas. 74, 78 ele podia ter participado. 70 ele jogou com 30 anos. Jogou e jogou bem.

B.H. - Nessas excursões o Santos era sempre querido e bem recebido. Mas nesses países em que havia uma rivalidade e se disputava um título. Por exemplo, nesse filme que você fez referência, tem imagens do Santos jogando na Bombonera, na época. Nessas situações não havia hostilidade também? Ou o Santos também era bem recebido na Argentina, no Uruguai?

Transcrição

J.C. - Que tipo de hostilidade você está dizendo?

B.H. - Pressão da torcida.

J.C. - Pressão da torcida é grande. Nessa Bombonera que você está falando, o Pelé e o Coutinho fizeram um gol, o Santos ganhou de 2x1, isso em 1962, 63. Você vê que tipo de hostilidade que existe, *claro que existia*, eles davam pancada no Pelé como eu vi, deu muito no Pelé, só que o Pelé é um cara forte. Quando ele levava ele dava também, os caras respeitavam ele, tanto ele como o Coutinho. Essa é minha opinião sobre isso. Hostilidade, claro que vai existir hostilidade. Mas eles não afinavam, o problema é que eles não afinavam, eles não tinha medo, eu vi isso aí, eles não tinham medo.

B.H. - Tanto o Pelé respondia que tem aquela cotovelada contra o Uruguai.

J.C. - Justamente. Aquela cotovelada e tem mais coisas do Pelé. Nunca foi de afinar.

B.H. - Aquela a televisão registrou.

J.C. - Registrou, registrou. Têm vários casos do Pelé, mas também porque, o caso é o seguinte, isso é coisa do futebol, a guerra do futebol. Essa que a gente está falando contra o Uruguai, aquilo ali, conforme o lugar, podia ser até aqui no Brasil, conforme o lugar, se tem um juiz meio... hoje em dia como tem, como sempre teve, já pensou se ele expulsa o Pelé? O Brasil fica com dez ali. Seria muito complicado aquilo ali, entendeu? Então foi um negócio rápido, a televisão focalizou, só que, pô, fomos campeão do mundo.

J.F. - Joel, você jogou em 65 uma semifinal de Libertadores, Santos e Peñarol, foram três jogos.

J.C. - Eu não joguei, estava na reserva.

J.F. - Na reserva? Mas esse tipo de situação não existia nesses confrontos do Santos com o Peñarol?

Transcrição

J.C. - Peñarol, Santos com os argentinos ali, eu joguei muito na Argentina, e a rivalidade era grande. Mas um jogo que o Santos jogou contra o... não vou falar isso que você está falando porque não joguei esse jogo aí. Eu vou falar de um jogo que o Santos jogou aqui no Pacaembu contra o Cruzeiro, o Cruzeiro deu um baile no Santos que não foi brincadeira, foi campeão, naquela época do Tostão. E o time do Santos era um grande time. Agora essa do Peñarol, não joguei esse jogo. Mas tem rivalidade. Excursão, nós jogamos muito no Chile ali, aquele time do River Plate, aqueles times da Argentina, esse Independiente foi campeão várias vezes, por essa taça aí, que agora nem joga mais lá. Então a rivalidade contra os argentinos foi muito grande, foi muito grande. Nessa época quem jogava no River Plate, que eu falei dele aqui, foi o Ramos Delgado, ele tem o apelido de Negro lá, o cabelo dele é meio de pessoas de cor lá. Essa do Peñarol... joguei contra o Nacional na ocasião, joguei contra o Peñarol.

B.H. - A volta da Copa de 70 quando você retorna para o Santos, o fato de você ter participado dessa Copa que foi tão emblemática, com tricampeonato, isso, quando você retorna para o clube, como é, você volta com uma moral, como foi esse retorno ao Santos em 1970, 71 até sua saída do Santos?

J.C. - O que eu posso dizer é o seguinte, quando eu voltei, o Santos teve grandes quartos zagueiros na minha opinião, você acabou de dizer de um agora que chegou aqui, não ficou muito tempo também, Djalma Dias, só que na época que eu voltei houve um problema que eu não fui muito titular. Joguei, fiquei 71, 72, quando estava terminando o contrato eu tive que sair, então não joguei muito aqui, tive que sair. Joguei na França no Paris Saint-Germain depois de 72. Quer dizer, eu tinha chegado em 63 houve esse problema todo, aí eu cheguei, um empresário lá do Rio de Janeiro me levou para o Paris Saint-Germain. Aí eu fui jogar lá, e o passe estava aqui. Quando cheguei me deram o passe, aí eu saí daqui de Santos. Saí daqui de Santos, era para jogar no Atlético Paranaense lá, acabei indo jogar em Londrina, que eu peguei um bom dinheiro, depois eu fui disputar o campeonato lá do CRB, lá em Alagoas. [inaudível] em 70 e poucos já, o [inaudível] era diretor do CCA naquela época. Depois eu fiquei jogando, joguei no Saad, aí a idade foi indo, foi indo, foi chegando a idade, aí eu parei de jogar bola; eu tinha 17 anos de esporte e fui trabalhar no cais. Eu tinha que me aposentar, já estava

Transcrição

com 30 e poucos anos, eu fui para o cais, *fiquei 20 anos no cais*, tinha 17 de esporte, 17 anos contado de INSS, fiquei 20 anos no cais, deu 37 anos, aí me aposentei, me aposentei com 55 anos. Agora eu estou com 67 anos, faz 11 anos já que eu estou aposentado, 11 para 12 anos. Estou com 67 anos.

B.H. - Muitos jogadores optam por continuar no meio do futebol atuando como técnicos. O senhor considerou essa possibilidade?

J.C. - Isso é a maioria que gostaria de ficar no futebol, mas isso não é para todo mundo. *Por isso que eu fui trabalhar*. Eu tive agora, faz uns três, quatro anos, logo depois que eu fui para aposentar, eu estive num projeto lá de São Paulo, fiquei cinco anos com a escolinha de futebol. Era remunerado, mas só que não dei sorte de ser chamado para ser treinador, esse negócio todo, e estou aposentado, e acompanho o futebol com 67 anos. Agora, esse negócio que você está falando, isso não é para todo mundo. Agora, que a maioria gostaria disso, gostaria disso. Uma outra grande coisa que o jogador podia fazer é isso que estão fazendo agora, o Casagrande, esse pessoal, o reconhecimento do jogador ser um comentarista de futebol, e tem muita gente contradissa⁵. Mas também se vai favorecer todo mundo, achando a opinião de todo mundo, ninguém faz nada. Mas é uma coisa certa. Outra coisa que tu já está perguntando, por exemplo, o caso de estar esse Ronaldinho agora, Romário, esse pessoal falando negócio de bola; esse pessoal, não vou dizer que eles têm que ser os dirigentes, esse negócio todo, mas a maioria tem que fazer isso mesmo; pelo menos eles deram chute na bola. O que tem gente que não deu chute na bola e vive do futebol, não é brincadeira. Aquele Eurico Miranda lá no Vasco, na minha opinião, era uma sacanagem. A autonomia que tinha o cara. Esse presidente que saiu agora, ele entrou ali que o João Havelange botou ele ali, ele ficou não sei quanto tempo. Já viu o ganho daquele cara o que ele tem, você já viu o patrimônio daquele cara, tudo a custa do futebol. O futebol queira ou não queira, é um negócio rentável, é um negócio muito rentável futebol. Essa é minha opinião.

B.H. - Mais 20 anos. Você falou do Eurico, depois entrou Roberto, ex- jogador.

⁵ Provavelmente o entrevistado quis dizer que existem muitas pessoas contrárias a colocação do ex-jogador de futebol no cargo de comentarista.

Transcrição

J.C. - Mas o Roberto pelo menos deu chute na bola. O Ronaldinho onde ele está agora, pelo menos é um cara que deu chute na bola e está bem de vida. Eu fui na Alemanha em 2006, quem comandava aquilo lá foi o Beckenbauer. Aquele rapaz na França, o Platini, é ex-jogador de futebol, *coisa que não acontece aqui no nosso país*. Acontece, parece que o cara faz aquilo ali, tem que apertar para chegar numa situação dessa, senão não vai. Esse Ricardo Teixeira, pô, bom nem falar nisso aí. Tudo a custa do futebol, tudo a custa do futebol.

B.H. - Joel, dentro de campo qual era seu estilo, você era mais... Você falava, orientava, ficava mais quieto, como era seu temperamento?

J.C. - No time do Santos era difícil. Mas sempre joguei falando. Agora, para falar pelos outros, quem falava era o Zito, esse cara que saiu daqui, você entrevistou ele. Tem jogador que jogava calado, tem jogador que joga falando, barganhando. Eu joguei com o Zito, o Zito, pô, falava com todo mundo, falava até com o Pelé. Tem outros que não, joga calado. Por exemplo, eu falo muito do Dorval, eu joguei com o Dorval quando chegou aqui, o Dorval foi um grande jogador, joga calado. O Pelé já não joga calado. Isso é do cara. O Carlos Alberto é outro que não joga calado. Agora, tem jogador que não fala nada. Você vê pelo estilo do treinador. Tem treinador que senta ali, gesticula, tal, e outros que não falam nada, e têm uns que começa a falar quando a televisão focaliza ele, quando não focaliza fica quietinho ali. Ele viu que está sendo focalizado ele... São detalhezinhas que...

B.H. - Estamos nas vésperas de sediar uma Copa do Mundo, com essa responsabilidade, não apenas de organizar, como de dentro de campo fazer jus a expectativa que se tem dessa atual seleção. Como você acompanha esse processo?

J.C. - O Brasil fez uma Copa do Mundo em 50 e não ganhou a Copa. Mas, por exemplo, esse negócio de Copa do Mundo, todas as seleções, quando o Brasil está na Copa do Mundo, Copa do Mundo e jogo amistoso, todos os adversários respeitam o Brasil. Mas agora não é que a organização. O Brasil até agora, nós estamos em 2012, a Copa é 2014, material humano o Brasil tem, agora tem que compor a seleção. Um bom teste para o Brasil vai ser essas eliminatórias agora. É que nem eu falei agora, tem que

Transcrição

ganhar, se não ganhar é complicado. Você vê que eu falo muito da Copa de 70, a mudança de treinador em cima da hora numa Copa de Mundo, *isso não pode existir, porra*. Tem que por o cara lá e ficar com o cara. Por exemplo, agora, já que estamos falando de Copa do Mundo, se esse Mano Menezes chegar lá e a seleção não for bem, ele já dançou. Aí tem a opinião, não só aqui de São Paulo, tem a opinião do Brasil todo. Só que a oportunidade que está sendo dada para ele é uma grande oportunidade. Para contentar todo mundo, vai ser difícil. Vai contentar todo mundo se o Brasil chegar lá e ganhar, porque se chegar lá e não ganhar, é complicado, não vai contentar todo mundo. Aí vai começar aquele negócio de mudar, mudar, mudar. Você vê, esse último campeonato do Brasil, foi em 2002, nós estamos fazendo dez anos. Aquela seleção de 2002, quantos treinadores foram mudados? Esse Leão foi mandado embora por telefone, aí foi esse Felipão. Só que esse Felipão, ele chegou lá, houve um problema que ele queria o Ronaldinho, só que o Ronaldinho estava machucado, e todo mundo queria o Romário, todo mundo queria o Romário. Ele, pá, não vai levar o Romário... Só que começou a Copa e tudo, só que ele foi campeão do mundo. Se ele não é campeão do mundo, ele tinha dançado.

B.H. - A responsabilidade dele não ter convocado o Romário ia ser...

J.C. - Dançou. Só que ele saiu, foi campeão do mundo, ficou em Portugal não sei quantos anos, graças a Deus, ajudou ele a ganhar a grana dele, foi para a Inglaterra, Deus que ajude ele, tudo isso pelo campeonato mundial. Dizer que ele é um grande treinador... ele é um treinador ganhador, agora, grande treinador...

B.H. - Nesse período que você foi transferido para o Paris Saint-Germain que acabou não durando muito, você vislumbrou justamente em aproveitar o fato de jogar no exterior para fazer uma independência financeira?

J.C. - Não. Podia ter feito isso, mas não deu tempo de eu fazer isso. Eu achei que ali eu ia ficar complicado. peguei e vim para o Brasil, porque aqui no Brasil eu falo português, lá eu não falava francês. Isso foi um tiro curto, um tiro rápido também, tiro curto, não, tiro rápido. Falou? Você desculpe, mas...

Transcrição

B.H. - Chegando ao final do depoimento de Joel Camargo, muito obrigado por essa entrevista aqui no Memorial de Santos, gostaríamos de agradecer imensamente a sua... Nessa oportunidade que vai fazer parte do acervo histórico do Museu do Futebol.

J.C. - Eu agradeço a vocês essa oportunidade, isso tudo é minha opinião. Muita gente não concorda com a minha opinião. Mas a minha opinião é essa. Eu agradeço, um abraço para vocês.

*¹mais próximo do que foi possível ouvir

[FIM DO DEPOIMENTO]